Maura Soares

Assunto: FW: APRECIACÃO PÚBLICA: PARQUE MARINHO DOS AÇORES

De: Carlos Fonseca <[REDACTED]>
Enviada: 23 de abril de 2025 20:20
Para: Apreciacao Publica <apreciacaopublica@alra.pt>
Assunto: APRECIACÃO PÚBLICA: PARQUE MARINHO DOS AÇORES

Bom dia,

Desde que comecei a mergulhar aqui em São Miguel, por volta de 2010, o mar era outro. Lembro-me bem de entrar na água com o tubo e máscara e logo ver dezenas de chicharros a passar, peixes-porco curiosos a aproximarem-se, e moreias escondidas entre as rochas. Era uma festa de cores e movimento. Hoje, mais de uma década depois, tudo isso mudou — e não para melhor.

A diferença é gritante. Segundo dados do DOP/UAç (Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores), algumas espécies pelágicas como o chicharro (*Trachurus picturatus*) tiveram uma redução significativa nos últimos 15 anos. Estima-se que a biomassa disponível no arquipélago tenha diminuído em mais de 40% em certas zonas costeiras desde 2010.

Conversando com pescadores locais, a história repete-se: locais onde antes bastava lançar a linha agora são quase estéreis. Em 2012, ainda se pescava cavala com abundância entre Lagoa e Vila Franca, mas hoje é comum voltar para terra de mãos vazias. Até espécies como o veja ou o salmonete se tornaram escassas.

Muito disto tem explicação. As alterações climáticas aqueceram as águas superficiais em quase 1°C em média desde o início da década de 2010. Juntando isso à sobrepesca — especialmente por barcos de fora que operam perto da nossa ZEE — e à crescente poluição invisível, como os microplásticos, temos um ecossistema marinho sob enorme pressão.

E agora, o que mais me preocupa é a possível desclassificação das áreas marinhas protegidas de proteção total nos Açores. Em vez de aumentarmos a proteção, há forças a tentar recuar, como se fosse possível resolver os problemas do setor das pescas retirando o pouco espaço que demos à regeneração da vida marinha. Estas áreas são santuários. São o que nos resta para garantir que o mar volte a ter futuro — e mexer nelas seria um erro irreparável.

Ver este mar a mudar assim dói. Não só porque é parte da nossa identidade, mas porque é um sinal claro de que estamos a ultrapassar limites que talvez não consigamos reverter.

Ainda acredito que é possível proteger o que resta — com áreas marinhas protegidas eficazes e respeitadas, pesca mais controlada, e uma aposta séria na educação ambiental. Mas é preciso agir. O mar dos Açores não é infinito. E o tempo de esperar já passou.

Cumprimentos

Carlos Fonseca

[REDACTED]